



SENSIBILIZAÇÃO E CRIATIVIDADE NO TRABALHO PEDAGÓGICO

Meira Chaves Pereira

Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul - UEMS

meira.chaves@gmail.com

RESUMO:

Sabe-se que a criatividade é um diferencial que pode colaborar no desenvolvimento de ideias originais e na resolução de problemas, tornando-se uma ferramenta educacional proveitosa em qualquer nível do conhecimento, em particular no ensino superior. Este trabalho apresenta um ensaio acerca da criatividade e são delineados alguns olhares sobre a sensibilização do educador do ensino superior quanto a esta temática. Partimos de uma análise bibliográfica a respeito da criatividade no ambiente educacional a partir de quatro eixos: no primeiro, enfocamos a base conceitual em sentido amplo e a sua base específica na orientação da sala de aula. Num segundo momento, as características da criatividade são desdobradas na busca de nexos com a formação da personalidade. No terceiro eixo, identificamos alguns elementos interferentes no desenvolvimento da criatividade e, finalmente, no quarto eixo, tecemos algumas contribuições sobre a importância da criatividade como instrumento necessário ao cotidiano escolar.

PALAVRAS CHAVE: Criatividade; Ambiente Escolar; Sala de Aula.

Introdução

O tema criatividade é bastante amplo. Este trabalho tem por objetivo analisar a criatividade, sua base conceitual e as possibilidades de sua manifestação no cotidiano escolar. Observamos que entre as muitas questões que surgem nos cursos de formação de professores temos as seguintes: a criatividade é um dom ou algo que é desenvolvido? Como tornar o ambiente criativo? Por que muitos educadores inibem a criatividade dos alunos em vez de estimulá-la? Quais são os mitos a respeito da criatividade? Baseados nestas e outras inquietações é que desenvolvemos este tema, materializado numa organização em quatro momentos. No primeiro momento, ensaiamos uma definição do termo criatividade. No segundo momento, destacamos a relação entre criatividade e personalidade. No terceiro, a criatividade e sua atualidade social, inclusive na escola. E, por fim, no último momento deste trabalho, a criatividade no ambiente escolar.

Conceito de criatividade

Definir criatividade não é tarefa tão fácil quanto parece, pois são muitas as definições propostas para o termo, podendo ser vista de diferentes enfoques e sobre diversas abordagens. Portanto, não há um acordo exato quanto ao seu significado, sendo necessário reavaliá-lo no seu contexto atual, para assim chegar o mais perto possível de sua definição, pois, não é de hoje que a humanidade está em busca de uma explicação do que vem a ser criatividade.

Nas definições mais antigas a respeito encontra-se o termo *creare* que vem do latim e significa fazer, e o termo *krainen* do grego que vem a ser realizar (WESCHLER, 1998). Esses termos apontam para a preocupação que já havia com o que se faz e com o que se sente, ou seja, com o pensar, fazer e agir de forma criativa. E ao longo do tempo várias abordagens foram sendo criadas, entre elas, as filosóficas, biológicas, psicoeducacionais etc., com o intuito de se chegar a um significado do termo, havendo um avanço significativo sobre o conhecimento desse tema, porém ainda há muitas limitações.

Em Aurélio (1986), criatividade é a qualidade de criativo, capacidade criadora, engenho, inventividade. Em cada campo teórico, a criatividade é enfocada a partir de diversos ângulos, para tanto, entende-se por criatividade, em sentido amplo, a pessoa que tem o desejo de ser criativo, com as habilidades necessárias e os conhecimentos apropriados para criar oportunidades de desenvolvê-la, isto é, ela não existe por si só, mas é construída através das possibilidades e potencialidades do homem que se convertem em necessidades existenciais “... o homem cria não apenas porque quer, ou porque gosta, e sim porque precisa; ele só pode crescer, enquanto ser humano, coerentemente, ordenando, dando forma, criando.” (OSTROWER, 2003, p. 10). Portanto, devido à sua multiplicidade, várias áreas possuem uma explicação sobre este conceito, por meio de diferentes abordagens que serão expostas a seguir.

As diferentes abordagens sobre criatividade

Como não há uma teoria universalmente aceita por todos, em relação à criatividade a alternativa encontrada por pesquisadores foi defini-la por meio de diferentes teorias que são abordadas segundo o campo em que atuam. Sendo assim, apenas algumas abordagens aqui serão analisadas. Segundo (WESCHLER 1998, p.26), uma das mais antigas concepções sobre o tema é a abordagem filosófica, que acreditava na criatividade como um processo que ocorre por inspiração divina “... essa noção vem do pouco conhecimento sobre o pensamento humano e,

assim sendo, tudo que não era explicável era atribuído aos deuses”. Contudo, atualmente sabe-se que “... a criatividade necessita não apenas de iluminação e de inspiração; ela necessita também de muito trabalho, treino prolongado, atitude criativa, padrões perfeccionistas”.

Outra abordagem que tenta explicar a criatividade é a biológica, que teve influência na teoria evolucionista de Darwin, que acreditava que ela era uma herança genética, passando a ser vista como algo inerente à vida. Segundo essa teoria, o componente indispensável para a obtenção da criatividade era a hereditariedade: temos, segundo essa visão, a criatividade sendo percebida como algo fora do controle pessoal, transmitida internamente pelos códigos genéticos e, portanto, não educável. (WESCHLER, 1998, p.27)

Em oposição à abordagem biológica, surge então a abordagem psicoeducacional que é subdividida em duas teorias: a cognitivista e a educacional. Na teoria cognitivista para que haja a construção da criatividade a estrutura do intelecto pode obter 120 (cento e vinte) combinações diferentes, sempre através da fórmula = OPERAÇÃO+CONTEÚDO+ PRODUTO. Para ele o pensamento criativo se dá a partir da resolução de problemas implicando na produção de respostas e alternativas diferentes, sendo indispensáveis os traços da personalidade, pois desempenham um papel fundamental na expressão criativa, por isso a importância de se estar aberto a novas informações, ser tolerante às ambiguidades e de ser sensível a novas informações. Enquanto na teoria educacional a criatividade foi definida por (TORRANCE, 1965, p. 40) como:

[...] o processo de tornar-se sensível a falhas, deficiências na informação ou desarmonias; identificar as dificuldades ou os elementos faltantes; formular hipóteses a respeito das deficiências encontradas; testar e retestar essas hipóteses; e, por último, comunicar os resultados encontrados.

Em resumo a essa teoria, entende-se que a escola exerce uma influência significativa no desenvolvimento da criatividade, pois o meio educacional é um ambiente propício para a exposição de ideia, que deve ser estimulada para que aconteça a comunicação da produção criativa, porque só assim o criador terá retorno, positivo ou negativo. O mesmo autor propõe a aprendizagem através da criatividade, ou seja, parta do interesse do indivíduo e da sua motivação interna e que tem, portanto, efeito duradouro.

Para finalizar a definição do conceito de criatividade, chega-se ao consenso de que criatividade ainda é uma área pouco explorada, e por isso a dificuldade de explicá-la, tendo que recorrer às teorias disponíveis, como as que foram citadas: filosóficas, biológicas e psicoeducacionais, portanto a criatividade engloba várias áreas e é preciso utilizá-las, como assegura (Von Oech,

1986) em suas recomendações para uma produção criativa citada por (ALENCAR, 1999, p. 38), pois:

Quando você estiver buscando por novas informações, seja um EXPLORADOR. Quando você estiver transformando os seus recursos em novas ideias, seja um ARTISTA. Quando você estiver avaliando os métodos de uma ideia seja um JUIZ. Quando você estiver colocando a sua ideia em prática seja um GUERREIRO.

Mitos a respeito da criatividade

Como já foi visto anteriormente, não há uma única e aceitável definição de criatividade, dependendo do contexto em que se manifesta. Portanto, há inúmeras variáveis: históricas, sociais e culturais que influenciam na resposta do que vem a ser criatividade. Porém, mesmo havendo uma gama de explicações isto não justifica as várias ideias errôneas, ou seja, os mitos que se têm a respeito da criatividade.

Em um deles ela é vista como um “dom” que está presente em alguns poucos indivíduos privilegiados, considerados abençoados por Deus. Esta concepção leva a outra ideia frequente, também sem nexo, de que a criatividade é uma questão de tudo ou nada, ou a pessoa é criativa ou não, limitando-a a uma noção simples, sendo difícil perceber que a criatividade é, na verdade, uma questão de grau, com alguns indivíduos mais criativos e outros menos, o que é bem diferente de pensar que apenas uma parcela possui esse “poder”.

Outra ideia errônea é a de que a criatividade depende apenas de fatores intrapessoais, não considerando a grande confluência que a sociedade exerce no processo criativo, onde muitas vezes, é a principal culpada pelo seu estímulo ou desestímulo, reforçando ou reprimindo o lado criativo das pessoas. Ainda há o pensamento de que a criatividade ocorre, somente, em criações ou atividades artísticas, o que não é verdade, pois ela pode se manifestar em qualquer atividade ou área de atuação, dependendo de quem a exerce e não de onde, o que acontece é que o artista precisa conhecer bem os seus meios de criação, como bem lembrado por Alencar (1993, p. 17).

É evidente que, além de saber o que faz, o artista tem que saber fazer. Ele tem que conhecer sua linguagem... Portanto, só vai poder fazer uma poesia em chinês quem souber o chinês; só vai dar um concerto de violino quem souber tocar violino; só vai fazer gravura, quem dominar o artesanato da gravura; só vai criar em pintura quem souber pintar.

Todas estas ideias também são concepções, porém, sem fundamentos e que não foram comprovadas e, portanto superadas teoricamente. No entanto, ainda são utilizadas por quem não tem esse conhecimento, o que gera esses mitos e que acaba prejudicando as pessoas que se subestimam e não acreditam em seus potenciais. Um esclarecimento que pode ajudar a todos a ter uma autoconfiança foi realizado há alguns anos e transmite:

O que as pesquisas têm mostrado, é que todo ser humano é criativo (alguns mais, outros menos, dependendo de inúmeras variáveis) e que os poderes da mente humana, ainda pouco explorada, são sem sombra de dúvidas, ilimitados. (ALENCAR, 1991, p. 26)

Cabe aqui destacar que quando se fala de criatividade logo vem à mente o pensamento “eu não sou criativo”. “Consideremos, portanto, o clichê “Eu não sou uma pessoa criativa” como uma propaganda subversiva, a ser ignorada, em nossa conquista do maravilhoso país da criatividade. Todos já somos naturais dele. Exploremo- lo, como donos”. (PREDEBON, 1998, p.38).

Essa visão vem do fato de que algumas pessoas ainda acreditam que a criatividade é um dom, que nasce com apenas uma parcela da humanidade. Para tanto se pode analisar o assunto partindo das ideia de (PREDEBON, 1998, p. 27) onde ele diz que: “... a espécie humana tem capacidade inata e exclusiva de raciocinar construtivamente. Essa capacidade produz o que tranquilamente pode ser chamado de criatividade.”

E que também é abordado por (MIRSHAWKA, MIRSHAWKA JUNIOR, 1993) mostrando que a criatividade não é um dom, pois “... não depende apenas de qualidades natas ou de momentos de inspiração suprema, mas ela pode ser constantemente exercitada e desenvolvida por todos.” (p. XIV)

E dessa forma chega-se a conclusão de que todos têm a possibilidade de se tornarem pessoas criativas, só podendo ser contestado em níveis de grau. Isso mostra que a capacidade de criação está em cada um e pode ser desenvolvida em função do meio em que vive, seus estímulos, das limitações que possui a criatividade e dos bloqueios que ela impõe. Assim, entende-se, que a escola faz parte do processo de desenvolvimento do potencial criador, pois é um ambiente propício a novas informações e de estímulo, onde o professor age como facilitador e liberador das potencialidades dos alunos, dando-lhes uma ideia, uma pista, contudo a melhor forma para se chegar a uma grande ideia é ter muitas delas. Neste caso opta-se pela abordagem psicoeducacional, sendo a mais aceitável quando se acredita na educação como base e que qualquer coisa pode ser desenvolvida a partir dela, inclusive a criatividade.

Características da criatividade e a sua relação com a personalidade

A criatividade depende de fatores internos e externos dos indivíduos para ser desenvolvida. Os internos acabam sendo influenciados pela configuração psicológica da pessoa, à medida que o indivíduo acredita em suas potencialidades, desenvolve sua inteligência, versatilidade, intuição, imaginação, sensibilidade de percepção, confiança em si, independência, tenacidade, flexibilidade, valor, decisão, ambição, autocrítica e entrega. A criatividade não tem relação com a idade, sexo, raça, religião, herança biológica etc., e sim relação com a personalidade, isto é, como a pessoa explora esses traços ao seu favor no ambiente em que constrói suas relações. Nas palavras de Predebon (1998, p. 125):

Uma forma de privilegiar as características de personalidade favoráveis à criatividade é procurar dar espaço maior a elas, encontrando e criando circunstâncias favoráveis para seu exercício. Por exemplo, se detectarmos em nos uma ousadia acima da média, devemos preferir atividades nas quais ela não precise ser reprimida, mas possa ser usada...

Um dos objetivos da educação é preparar o aluno para viver em sociedade, formando um indivíduo crítico e participativo, isto é, que seja ativo nesse processo de construção de um mundo que está em constante transformação. Isto leva à tona a questão de que não basta apenas ensinar o que é conhecido, sendo, também, necessário conscientizar o aluno das inúmeras mudanças, exigências e desafios que estão acontecendo na sociedade, levando-o a questionar, refletir, mudar e criar.

A importância da criatividade na atualidade

Na escola aprende-se muita coisa, porém, às vezes, nem sabemos qual sua importância ou até mesmo pode não ser útil para a realidade vivida e por isso gerar um desinteresse. Nos diversos âmbitos da vida e os benefícios que a sua utilização acarreta. Atualmente, a criatividade tornou-se um diferencial, onde o ser criador se destaca perante os outros, promovendo e incentivando o pensamento criativo, o que pode ser visto na seguinte Alencar (1999, p.14):

Eu insisto em que há uma necessidade social desesperada de comportamentos criativos por parte dos indivíduos... Em um tempo em que o conhecimento, construtivo e destrutivo, está avançando de forma acelerada em direção a uma era atômica fantástica, uma adaptação genuinamente criativa parece se apresentar como a única possibilidade para o homem manter-se à altura das mudanças caleidoscópicas de seu mundo [...]

Afinal, que potencial é esse que a criatividade tem escondido dentro de cada um, onde as pessoas tentam ser ou admiram quem é criativo, mas antes de julgar-se incapaz é preciso saber que ser criativo é um processo que nasce com a criatura humana, ou seja, é uma capacidade que todos têm independente da classe social, no entanto interdependente do meio sociocultural em que se está inserido, sendo a escola um componente essencial para o seu desenvolvimento. Este ponto de vista de que a criatividade é um diferencial sintetiza como é imprescindível e o quão é importante devido às incessantes transformações do mundo e isso acarreta que o indivíduo precisa saber usar seu lado criativo.

Os bloqueios que interferem no desenvolvimento da criatividade

Várias são as barreiras que podem levar ao bloqueio da criatividade, mas os ambientes que mais influenciam nesse processo de criação ocorrem na família ou na escola, nas quais, o indivíduo passa a maior parte do seu tempo. Lugares onde poderiam incentivá-la, muitas vezes, acabam inibindo a sua produção. A repressão ao potencial criador pode levar a barreiras emocionais ou culturais segundo Alencar (1991), onde o principal obstáculo para o desenvolvimento da criatividade está dentro do próprio indivíduo, que desconhece suas próprias habilidades e potencialidades, sendo esse um problema emocional que é construído paulatinamente no decorrer da vida, fruto da educação e das experiências vividas durante a infância.

Junto com as barreiras emocionais coexistem as de natureza cultural, que fazem parte do meio de convivência do indivíduo. De acordo com Diniz (1995, p.29) “...toda cultura e todo meio em que se vive têm suas próprias características, seus padrões, valores, normas, ideais e objetivos, que são preconizados, transmitidos e reforçados para as gerações que em nela vivem”. Com isso o ambiente onde novas ideias poderiam ser criadas, não passa de um local em que a tradição prevalece, pois há a necessidade de ser aceito nessa sociedade, causando o medo de ser ridicularizado perante o outro, porém, na verdade, o que deveria haver é uma cooperação e estímulo na criação de novas ideias. Isso também está relacionado ao medo de errar e, conseqüentemente, fracassar. Esta ideia de que a cultura exerce certa influência no desenvolvimento da criatividade pode ser confirmada por Diniz, (1995), onde ele mostra que:

Inicialmente, a criança é naturalmente espontânea para satisfazer suas necessidades vitais, ela encontra, imediatamente, os gestos que deve fazer. Os adultos impõem-lhe um certo número de hábitos, condutas, pensamentos e opiniões cuja utilidade imediata ela não vê, mas que são adotadas para conquistar a aprovação dos que a cercam. Ela renuncia, assim, à sua própria

espontaneidade, ou pelo menos a substitui pelas atividades lúdicas sem grande importância prática, adquirindo um certo número de mecanismos. A civilização moderna os multiplica, indefinidamente, e a criança perde o estado de espontaneidade criadora inicial. (p. 30)

Enfim, estas barreiras constituem forças inibidoras a um pensamento mais flexível e inovador essencial à produção criativa.

A criatividade no ambiente escolar

Assim como no mundo houve várias mudanças na educação e nos seus métodos de ensino, contudo, prevalece o modelo tradicional que consiste na transmissão de informações, onde o aluno torna-se um mero espectador na sala de aula, criando um ambiente desfavorável ao desenvolvimento do potencial criador. Em função do extenso currículo sobra pouco tempo ao professor para explorar a criatividade do aluno, sobrecarregando-o com o cumprimento das obrigações curriculares, isto faz parte da visão tradicional do ensino, onde raras são as situações criadas que estimulam o potencial criador do aluno. Este modelo tradicional de ensino tem o professor como centro do processo, sendo o transmissor de informações e aquele que dirige a aprendizagem do aluno, ou seja, o professor é o agente ativo, enquanto que o aluno é o receptor dessas informações, onde a ênfase maior está na memorização dos conteúdos, tornando-se o aluno um ser passivo, sem espaço para pensar, questionar, errar e raciocinar, características estas que não são aceitas, pois:

O aluno ideal, desejado por todos os professores, é aquele que permanece quieto e atento ao que o professor está comunicando, respondendo as perguntas feitas por ele, é um aluno que não questiona, que não critica, que não sugere ao professor novas alternativas e novas abordagens. (ALENCAR, 1991, p. 57).

Além dessas características, há por parte de alguns professores uma baixa expectativa em relação ao aluno, que, muitas vezes, não acredita na capacidade do mesmo em sugerir novas ideias, soluções, caminhos e diferentes modos de se pensar, contribuindo ainda mais para a não propagação da criatividade. Essas dificuldades, por incrível que pareça, prosseguem ocorrendo com frequência atualmente, devido à grande influência desse modelo tradicional de ensino nas escolas, que mesmo com as modificações ocorridas na educação permanecem estagnadas, e, com

isso, a criatividade continua sendo deixada de lado nas instituições de ensino. A partir daí surge a questão: Como estimular a criatividade nas salas de aula?

Sabe-se que não é uma tarefa fácil promover o pensamento criativo no ambiente escolar por decorrência do modelo tradicional de ensino. Mas se esse modelo ainda predomina é porque muitos educadores insistem em utilizá-lo, acreditando na sua eficiência, porém se o professor substituir essa pedagogia tradicional por atividades mais próximas da vivência diária dos alunos provocará maior interesse nos educandos pela aprendizagem, competindo assim com os atrativos que estão ao alcance de seus alunos fora da escola, pois nos dias de hoje as crianças e adolescentes possuem várias atividades que acabam desviando sua atenção. Então, cabe ao professor buscar alternativas atraentes para que esses alunos sintam prazer em aprender, já que se é necessário ser criativo em tudo, imagine em sala de aula. Contudo: “Como conseguir tudo isso, se muitas vezes o professor possui somente sua capacidade, quadro verde e muita vontade de desenvolver intelectualmente seus alunos?”. (KRAEMER, 2008)

Além de levar em consideração as bagagens que os alunos trazem e valorizar seu trabalho e esforço, criando “... um ambiente de respeito e aceitação, onde os alunos possam compartilhar, desenvolver e aprender tanto uns com os outros e com o professor, como também independentemente.” (ALENCAR, 1991, p. 58) Percebe-se que não é tão simples proporcionar um ambiente criativo em sala de aula, sendo um trabalho árduo, mas que se conquistado é gratificante e prazeroso ao professor. Essa influência do ambiente escolar no pensamento criativo será abordada a seguir.

O professor como mediador do processo ensino-aprendizagem pode criar um ambiente motivador, estimulador, harmonioso e significativo. Esse ambiente estimulador depende em grande parte de como ele organiza e planeja sua prática pedagógica, que envolve também as relações afetivas que serão construídas a cada aula, onde exista atenção, sensibilidade e orientação, considerando os conhecimentos prévios dos alunos, que implica suas experiências, sua cultura e suas especificidades, relacionando a aprendizagem com suas vivências, tornando-a significativa. Considerando as influências do ambiente, outro fator que interfere no processo criativo são *as atividades aplicadas e o modo como são encaminhadas* aos alunos, em sua maioria estas atividades devem ser interessantes e desafiadoras, cabendo ao professor informá-los sobre os objetivos das mesmas o por que e para que, convidando-o a participar do planejamento. Enfim, o professor tem que refletir suas concepções e rever a sua prática pedagógica quando quer desenvolver o potencial dos alunos e, conseqüentemente, o ato criativo.

Sendo assim, conclui-se que a criatividade pode tornar-se um diferencial na educação, como expressa Sternberg e Lubart (1999, p.11):

O indivíduo precisa de um ambiente que encoraje e reconheça suas ideias criativas. O indivíduo pode ter todas as condições internas necessárias ao desenvolvimento do pensamento criativo, mas sem o estímulo do ambiente, sua criatividade nunca se manifestará.

Para finalizar cabe aqui destacar o importante papel da escola no desenvolvimento da criatividade, onde uma aula pode se tornar um espaço de socialização do conhecimento por meio de múltiplas formas e olhares ou o inverso. Nossa esperança é a primeira diretriz ao fazer da criatividade elemento permanente e dinâmico do cotidiano escolar.

Considerações Finais

Por meio de pesquisa bibliográfica, conseguimos desdobrar algumas conclusões. A primeira delas é que a criatividade não é um dom, presente em poucos indivíduos, mas, na verdade, é uma capacidade inata que nasce com todos, e sendo assim, pode ser desenvolvida ao longo da vida, dependendo do ambiente e dos estímulos que são construídos em suas relações. No entanto, muitas pessoas ainda subestimam seu potencial criador. Em segundo lugar, concluímos que a criatividade depende de fatores internos e externos, ou seja, à medida que envolve a personalidade com ênfase na confiança em si, e também as influências do meio em que vive, geradas, principalmente, pelos ambientes familiares e escolares.

Como apresentado neste trabalho, a criatividade é necessária, pois pode ser desenvolvida na escola e tem uma importância fundamental para a vida. Entretanto, alguns bloqueios podem interferir nesse processo de criação, causando danos imensuráveis, e, muitas vezes, isso ocorre pelo medo de ser ridicularizado e de errar, cabendo ao professor ter o cuidado ao planejar e organizar as suas aulas, construindo relações afetivas e mútuas, gerando um ambiente de confiança e autoestima na capacidade por parte dos alunos em sua aprendizagem, que se torna significativa. Temos a escola como uma instituição que visa ao desenvolvimento integral dos educandos em seus diversos âmbitos, promovendo sua autonomia e a vivência na sociedade, para assim se tornar um cidadão crítico e participativo. Além disso, a escola deve agir como promissora no desenvolvimento da criatividade, já que possui a estrutura adequada para incentivá-la e promovê-la.

Portanto, acredita-se que a criatividade é a capacidade de realizar coisas novas, ir além do óbvio, surpreender com ideias diferentes e diversificadas, implica o uso da imaginação. Refere-se não só ao pensamento criativo, mas também colocá-la em prática através da ação. Enfim, este estudo quis mostrar que todos são capazes de serem ou tornarem-se pessoas criativas, qualidade esta necessária para as exigências desta nova sociedade, pois a criatividade não é um dom, como muitos acreditavam e ainda há quem acredite e, sim, uma capacidade inata, que só é diferenciada em termos de grau. Daí a importância da escola em fazê-la parte da prática pedagógica, por se tratar de algo que pode ser desenvolvido.

BIBLIOGRAFIA

- ALENCAR, E. S. **Como desenvolver o potencial criador**. Petrópolis: Vozes, 1991.
- ALENCAR, Eunice M. L. Soriano de. **Criatividade**. Brasília. Editora universidade de Brasília, 1993.
- ALENCAR, Eunice M. L. Soriano de. FEITH, Denise de Souza. **Escala sobre o clima para criatividade em sala de aula**. Revista Psicologia: Teoria e Pesquisa. Brasília. Jan - Abril 2005. Vol 21, n. 1, pp. 85 – 91.
- CSIKESZENTMIHALYI, M. **Creativity**. New York: HarperCollins. Cambridge University. 1999.
- DINIZ, Gleidemar J. R. **Psicodrama Pedagógico e Teatro/ Educação**. São Paulo: Ícone, 1995.
- KNELLER, George. F. **Arte e ciência da criatividade**. São Paulo 5ª edição. Editora Ibrasa, 1978.
- KRAEMER, Maria Luiza. **Dicas pra você ser um professor mais criativo**. Revista profissão mestre. In site: www.profissaomestre.com.br/php/verMateria.php?cod=1201. Último acesso em 17/04/2008.
- MIRSHAWKA, Victor. MIRSHAWKA JUNIOR, Victor. **Qualidade da criatividade – A vez do Brasil**. Makron Books do Brasil Editora Ltda., 1993.
- PREDEBON, José. **Criatividade: Abrindo o lado inovador da mente. Um caminho para o exercício prático dessa potencialidade esquecida ou reprimida quando deixamos de ser crianças**. 2ª edição. São Paulo: Atlas, 1998.
- STERNBERG, R. J. LUBART, T. I. (1999). **The concept of creativity: Prospects and paradigms**. Em R. J. Sternberg (org), handbook of creativity (p. 3 – 15). New York: Cambridge University Press.
- VON OECH, Roger. **Um chute na rotina: os quatro papéis essenciais do processo criativo**. São Paulo. Cultura editores associados, 1994.
- WECHSLER, Solange. Múglia. **Criatividade: descobrindo e encorajando**. Campinas/SP. Editora Psy, 1998.